

Capítulo 4

Países em desenvolvimento e aumento de suas exportações: cenários e desafios

Vanessa da Fonseca Pereira

Erich Gomes Schaitza

Introdução

Este capítulo reflete sobre as contribuições das parcerias de que a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) participa para que países em desenvolvimento caminhem na direção de aumentar significativamente suas exportações. Trata, portanto, de iniciativas no contexto da meta 17.11 – “aumentar significativamente as exportações dos países em desenvolvimento, em particular com o objetivo de duplicar a participação dos países menos desenvolvidos nas exportações globais até 2020” (Nações Unidas, 2018) –, que é parte do Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 17 (ODS 17).

O intercâmbio de conhecimentos e as transações comerciais entre os países são caminhos que permitem que as parcerias globais resultem em desenvolvimento sustentável. Ao ampliar sua capacidade de exportar, os países menos desenvolvidos dão novos passos rumo ao crescimento e desenvolvimento. Isso ocorre porque o acesso a mercados internacionais leva à geração de renda e de emprego, cujos benefícios, devido aos efeitos multiplicadores, se estendem por toda a economia. Assim, se o setor de grãos de uma nação menos desenvolvida se torna apto a exportar, por exemplo, mais pessoas são contratadas nesse setor; assim, sua remuneração ingressa e movimenta a economia via consumo de forma mais ampla. A renda obtida com as exportações também pode ser usada para aumentar a poupança interna, o que pode resultar em maior capacidade de investimentos no futuro. Além disso, a oferta de produtos em mercados internacionais incentiva os países a modernizarem o setor exportador a fim de ganharem competitividade em qualidade e preço. Como consequência dessa modernização, vêm aprendizado e progresso técnico.

Todavia, um país menos desenvolvido que busca inserção no mercado internacional por meio da venda de seus produtos enfrenta um conjunto de dificuldades. A primeira delas é gerar excedentes, o que nem sempre acontece. Superado esse ponto, é preciso que os excedentes exportáveis alcancem valor agregado,

qualidade e preço competitivos. Além disso, no caso dos produtos agrícolas, é preciso ainda dispor de infraestrutura de armazenamento e logística e de mão de obra qualificada e superar limitações de negociação específicas do comércio internacional (como barreiras de mercado, tarifárias e não tarifárias, e participação em acordos internacionais). O acesso a tecnologias e conhecimento é essencial nesse processo e pode gerar benefícios, especialmente por agregar eficiência aos processos, permitir a redução dos custos de produção, melhorar a qualidade dos produtos e elevar a capacitação da mão de obra. Quando não observados, esses fatores resultam em dificuldades de inserção no mercado internacional, quadro que se observa hoje em relação aos países menos desenvolvidos.

Instituições de pesquisa e inovação agropecuária podem contribuir para que países menos desenvolvidos melhorem seus sistemas produtivos e, assim, avancem na direção de alcançar segurança alimentar e redução da pobreza, ao mesmo tempo habilitando-se para exportação. A Embrapa pode contribuir, nesse contexto, com mais de 2,5 mil soluções tecnológicas (entre produtos, processos, serviços, metodologias, práticas agropecuárias e sistemas, validados e qualificados) e com clima (ecossistemas e práticas agrícolas similares aos de muitos países menos desenvolvidos na faixa tropical do globo). Assim, vê-se que a Empresa tem muito o quê compartilhar em ações de cooperação técnica. Sua contribuição histórica para a transformação da agricultura brasileira representa uma possibilidade de transformação semelhante para os países menos desenvolvidos.

Contribuições para ampliar a exportação de países menos desenvolvidos

A Embrapa tem sido um dos principais atores brasileiros na área de cooperação internacional em agricultura. Após a rápida evolução agrícola brasileira, a partir do fim dos anos 1990, o Brasil começou a atuar também como centro de irradiação de conhecimento por meio de programas de capacitação de técnicos de países em desenvolvimento (especialmente da América Latina e dos países de língua portuguesa da África) e de projetos de apoio ao desenvolvimento, coordenados pela Agência Brasileira de Cooperação (ABC), do Ministério das Relações Exteriores.

De 1998 até o presente, a ABC coordenou 352 projetos na área de agricultura dentro do marco da cooperação Sul-Sul. Foram projetos de cooperação técnica de diversas dimensões, alguns focados em capacitação e visitas técnicas, outros

em desenvolvimento de tecnologias, introdução de materiais genéticos superiores ou fortalecimento de sistemas produtivos. A Embrapa participou de [190 desses projetos](#) sendo o principal braço brasileiro desse tipo de cooperação. Muito da lógica dessa cooperação se baseia no fato de esses países cultivarem as mesmas espécies utilizadas no Brasil em condições de solo e clima semelhantes, mas com setores produtivos menos estruturados e com baixo desenvolvimento tecnológico.

Em complemento aos projetos demandados pelos compromissos diplomáticos brasileiros, a Embrapa abriu escritórios de cooperação na Venezuela, no Panamá (Embrapa Américas) e em Gana (Embrapa África) como parte de sua internacionalização. Esses escritórios foram desenhados como canais diretos de contato com instituições nacionais de pesquisa e extensão e apoio à estrutura diplomática brasileira. Além disso, a cooperação científica com os países do Sul também se fortaleceu ao longo dos últimos anos.

Em uma ação importante de cooperação Sul-Sul, a Embrapa e uma série de parceiros nacionais e estrangeiros estabeleceram a plataforma de cooperação África-Brazil Agricultural Innovation Marketplace ([MKTPlace](#)), em que, anualmente, instituições africanas tinham a oportunidade de, observando suas próprias demandas, apresentar projetos cooperativos com Unidades de pesquisa da Embrapa, num processo em completa horizontalidade. Posteriormente, essa plataforma foi expandida para a participação de países da América Latina e do Caribe. Em 2016, o Escritório das Nações Unidas para Cooperação Sul-Sul (UNOSSC) reconheceu a MKTPlace como uma das estratégias de cooperação mais efetivas em âmbito global. A partir daquele mesmo ano, continuando o ciclo de desenvolvimento de processos cooperativos, o MKTPlace iniciou uma nova fase de apoio a projetos intitulada Building on the Successes of the Marketplace ([M-BoSs](#)). O [Capítulo 5](#) desta publicação detalha a dinâmica do MKTPlace e do M-BoSs.

Nesse contexto, algumas iniciativas já se aproximaram da contribuição para ampliar as exportações de países menos desenvolvidos e merecem destaque. Duas delas foram realizadas no âmbito do MKTPlace e, em função dos seus resultados positivos, foram selecionadas para ter continuidade pelo M-BoSs. A primeira iniciativa trabalha com a diversidade de abelhas e a produção de mel para segurança alimentar na Etiópia; a segunda, com o aumento da produção de feijão-caupi por pequenos produtores em Gana por meio da fixação simbiótica de nitrogênio.

Parceria entre a Embrapa Acre e a Universidade de Mekelle, na Etiópia, o projeto voltado para a produção de mel teve a primeira fase entre 2011 e 2013 e a segunda fase (de 3 anos de duração), de 2017 a 2019. Segundo o [Programa de](#)

[Crescimento Agrícola da Etiópia](#), o papel da apicultura para o desenvolvimento sustentável em diferentes zonas agroecológicas é amplamente reconhecido, pois a apicultura é menos afetada pela seca do que outras atividades. Existe, no país, aproximadamente 1,5 milhão de apicultores. Em termos de produção de mel, a Etiópia ocupa o 1º lugar entre os países da África e o 10º entre todos os países do mundo. Já em relação à exportação, ocupa a 2ª posição na África e a 46ª no mundo (Faostat, 2013). O setor apícola está longe de alcançar o seu potencial no país, principalmente em função do baixo nível tecnológico, que reduz a competitividade do mel etíope.

A iniciativa empreendida em conjunto pela Universidade de Mekelle e pela Embrapa permitiu identificar e caracterizar molecular e morfológicamente as espécies de abelha do gênero *Apis* mantidas nos apiários e caracterizar as propriedades físico-químicas e microbiológicas do mel produzido pelos apicultores locais. Também instalou Unidades Demonstrativas de criação de abelhas, fortaleceu capacidades em produção de rainhas (Figura 1) e promoveu eventos para apresentar, difundir e



Foto: Mohammed Tilahun Tessema

Figura 1. Apicultores etíopes replicando técnicas apropriadas em capacitação realizada conjuntamente pela Universidade de Mekelle e Embrapa Acre.

discutir os resultados alcançados. Os avanços foram facilmente apropriados pelos apicultores e seguem sendo repassados em rede para outros produtores locais. Em sua primeira fase, o projeto contribuiu para estabelecer as bases para a criação de um centro de excelência em pesquisa de abelhas na Etiópia.

Em sua segunda fase, o projeto pretende aumentar em 20% a produção de mel nas colônias manejadas, além de capacitar 1.500 apicultores e 17 profissionais de instituições parceiras. Cinco profissionais da Etiópia serão treinados em criação de abelhas no Brasil. Em conjunto com a comunidade e as instituições locais, as colônias mais produtivas serão selecionadas, multiplicadas e distribuídas. A capacitação dos apicultores e a melhoria registrada na segurança alimentar local influenciarão positivamente outros apicultores na Etiópia, contribuindo com a execução da Agenda Nacional de Transformação Agrícola atualmente em vigor naquele país, já que uma das principais metas dessa agenda é o desenvolvimento de mercados domésticos e de exportação.

Também realizado no âmbito do MKTPlace e com continuidade no M-BoSs, o projeto dedicado a aumentar os rendimentos de feijão-caupi em Gana é outra iniciativa que se destaca pelo potencial de contribuir para ampliar as exportações de países menos desenvolvidos. Após ter desenvolvido uma tecnologia usando um inoculante que resultou em ganho significativo de produção no Norte e no Nordeste do Brasil, a equipe da Embrapa, liderada pela Embrapa Agrobiologia, decidiu realizar ações para introduzir e estimular a adoção dessa tecnologia no norte de Gana (Figura 2). Essa é a região mais importante para a produção de cereais (milho, milheto, sorgo e mandioca) e leguminosas para grão (feijão-caupi, amendoim, soja) no país, mas seus solos estão degradados, de modo que a falta de nutrientes limita o crescimento das culturas. A primeira fase do projeto mostrou que inoculantes de boa qualidade melhoram a nodulação e elevam a produção de grãos em 30% a 50%. A partir dessa constatação, a segunda fase pretende alcançar esse aumento de produção nas culturas de feijão-caupi, amendoim e soja dos pequenos agricultores no norte de Gana através do uso de inoculantes de rizóbio de alta qualidade produzidos localmente junto com aplicações estratégicas de fertilizantes de fósforo. Amendoim e soja são culturas com alto potencial para exportação.

O projeto Apoio ao Desenvolvimento do Setor Algodoeiro dos Países do Cotton-4 (também chamado de Cotton-4) é uma iniciativa de cooperação técnica do governo brasileiro, coordenada pela ABC e executada pela Embrapa com contrapartida das instituições públicas de pesquisa de Benin, Burkina Faso, Chade e Mali. Realizado entre março de 2009 e dezembro de 2013, esse é um dos maiores



Figuras 2. Áreas de produção experimental de feijão-caupi em Gana.

projetos brasileiros de cooperação técnica e teve como principal objetivo contribuir para o aumento da competitividade da cadeia produtiva do algodão dos quatro países africanos parceiros.

O algodão é um cultivo comercial com implicações importantes para o desenvolvimento da agricultura e para a redução da pobreza na África Ocidental. Em Benin, Burkina Faso e Mali, o algodão representa, respectivamente, 30%, 80% e 85% dos valores totais de exportação agrícolas, estando os três países entre os dez maiores exportadores mundiais. Nesse contexto, o Cotton-4 visou apoiar o desenvolvimento da cotonicultura nos quatro países buscando incrementos de produtividade, aumento da diversidade genética e aprimoramento da qualidade do produto. Por se tratar de um setor com amplo potencial para a exportação, esses benefícios tendem a se converter em competitividade no mercado algodoeiro global. Dentre os principais resultados, destacam-se a utilização e adaptação de cultivares brasileiras, o avanço do potencial produtivo em condições experimentais decorrente do uso do sistema de plantio direto, além de pesquisadores, técnicos e agricultores líderes capacitados em novas tecnologias de produção de algodão (Centro de Estudos e Articulação da Cooperação Sul-Sul, 2015).

Considerações finais

É inegável que o acesso a tecnologias e a conhecimentos pode contribuir significativamente para ampliar a capacidade produtiva da agricultura nos países menos desenvolvidos e, assim, gerar excedentes exportáveis. Porém, é igualmente sabido que a ampliação da participação desses países nas exportações mundiais requer um conjunto amplo de iniciativas. Para exportar, é necessário produzir de forma competitiva, o que depende de infraestrutura de armazenamento e logística, de políticas públicas e instituições atuando conjuntamente a favor das exportações, além de condições internas favoráveis à produção (insumos, processos, custos e qualidade). Há ainda as importantes questões de abertura dos mercados internacionais, da articulação entre países e dos acordos internacionais.

Apesar do potencial do avanço tecnológico ser limitado no que diz respeito à sua capacidade de impulsionar as exportações, o desenvolvimento científico e tecnológico pode ser uma ponte entre o comércio de dois mundos, abrindo oportunidades para a cooperação e o desenvolvimento comercial de países com baixa renda per capita. Por meio de parcerias globais, há muitas possibilidades de crescimento (a exemplo da exploração das sincronias na sazonalidade de produção de alimentos), de forma que, em conjunto, os parceiros são capazes de abastecer

os mercados consumidores e, até mesmo, compartilhar estruturas de exportação e comercialização nos países importadores. É o caso real da produção de caju, cuja safra na África coincide com a entressafra brasileira; ou ainda da manga, cujas safras africanas e centro-americanas acontecem quando o Brasil não tem frutos para ofertar. Tais ações geram riqueza conjunta e segurança alimentar. Esse é um desafio palpável, em que a Embrapa em muito poderia contribuir para o avanço conjunto de conhecimento e compartilhamento de tecnologias que resultassem em níveis similares de qualidade e homogeneidade dos produtos, independentemente da sua origem geográfica. Outros atores seriam necessários para minimizar os gargalos nos processos de financiamento, negociação, logística e armazenamento.

As experiências aqui relatadas e outras mostram que a Embrapa pode aportar tecnologias e conhecimentos via cooperação técnica, assim como pode agir como articuladora e coordenadora de ações. Até hoje, a Embrapa, em parceria com dezenas de instituições, contribuiu para desenvolver e aprimorar a capacidade produtiva da agropecuária de países menos desenvolvidos por meio do estabelecimento de bases para a produção, de ganhos de produtividade e de agregação de valor aos produtos. Essa atuação permite que esses países progridam em um contínuo que se inicia com a redução de pobreza e o alcance da segurança alimentar e vai até a geração de excedentes. São casos representativos do potencial das parcerias globais para o desenvolvimento sustentável.

Referências

CENTRO DE ESTUDOS E ARTICULAÇÃO DA COOPERAÇÃO SUL-SUL. **Avaliação do projeto:** “Apoio ao desenvolvimento do setor algodoeiro dos países do C-4” (Benin, Burkina Faso, Chade e Mali). São Paulo, [2015]. 107 p.

EMBRAPA. Secretaria de Gestão e Desenvolvimento Institucional. **VI Plano Diretor da Embrapa 2014-2034**. Brasília, DF, 2015. 24 p.

FAOSTAT. 2013. Disponível em: <<http://www.fao.org/faostat/en/#home>>. Acesso em: 22 mar. 2018.

NAÇÕES UNIDAS. **17:** parcerias e meios de implementação: fortalecer os meios de implementação e revitalizar a parceria global para o desenvolvimento sustentável. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/pos2015/ods17/>>. Acesso em: 22 mar. 2018.